



Anuario de Historia Regional y de las
Fronteras

ISSN: 0122-2066

anuariohistoria@uis.edu.co

Universidad Industrial de Santander
Colombia

Dall'ava, João Paulo; Mota, André
Imprensa e saúde pública na cidade de Sorocaba: a industrialização e seu impacto na
condição de vida da população (1890-1916)
Anuario de Historia Regional y de las Fronteras, vol. 21, núm. 1, 2016, pp. 75-103
Universidad Industrial de Santander
Bucaramanga, Colombia

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407543789004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Imprensa e saúde pública na cidade de Sorocaba: a industrialização e seu impacto na condição de vida da população (1890-1916)*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir as condições sanitárias e de saúde pública em Sorocaba, São Paulo, entre 1890 e 1916, contrapondo-as à imagem de cidade industrial e salubre defendida pela imprensa local. Para tanto, por meio da análise dos periódicos locais como fontes documentais e tomando como referencial teórico os conceitos estabelecidos pelo campo da história urbana, são investigadas as transformações vivenciadas pela cidade no período em foco, evidenciando questões como o aumento da mendicância, as doenças contagiosas, a ausência de saneamento básico e os problemas em relação à limpeza pública. São apontadas também algumas medidas repressivas por parte da municipalidade com o intuito de combater a vadiagem e de afastar do centro urbano portadores de determinadas enfermidades, como a lepra e a tuberculose. Desse modo, pretende-se mostrar como a condição de vida da população pobre sorocabana foi se deteriorando cada vez mais à medida que a cidade apresentava um relativo crescimento urbano e industrial.

Palavras-chave: *saúde pública, doenças, conflitos sociais, urbanização, Sorocaba/ São Paulo.*

Referencia para citar este artículo: DALL'AVA, João Paulo y MOTA, André (2016). "Imprensa e saúde pública na cidade de Sorocaba: a industrialização e seu impacto na condição de vida da população (1890-1916)". En *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*. 21 (1). pp. 75-103.

Fecha de recepción: 26/03/2015

Fecha de aceptación: 26/06/2015

João Paulo Dall'ava: Mestrando no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP –Brasil. E-mail: jpdallava@yahoo.com.br.

André Mota: Doutor e professor do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e coordenador do Museu Histórico da FMUSP. São Paulo, SP –Brasil. E-mail: amota@museu.fm.usp.br.

* Artigo de investigação científica resultado da dissertação de mestrado intitulada *Sorocaba entre epidemias: a experiência de Álvaro Soares na febre amarela e na gripe espanhola (1897-1918)*, desenvolvida na área de Ciências Humanas em Saúde do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Prensa y la salud pública en la ciudad de Sorocaba: la industrialización y su impacto en las condiciones de vida de la población (1890-1916)

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir las condiciones sanitarias y de salud pública en Sorocaba, São Paulo, entre 1890 e 1916, en contraste con la imagen de ciudad industrial y saludable defendida por la prensa local. Por tanto, a través del análisis de los periódicos locales como fuentes documentales y tomando como marco teórico los criterios establecidos por el campo de la historia urbana, se investiga los cambios experimentados por la ciudad en el periodo enfocado, destacando temas como el crecimiento de la mendicidad, de las enfermedades contagiosas, de la falta de saneamiento y problemas relacionados a la limpieza pública. También se señala algunas medidas represivas por parte del poder municipal con el fin de luchar contra la vagancia y quitar del centro urbano pacientes con ciertas enfermedades, como la lepra y la tuberculosis. Por lo tanto, se pretende mostrar cómo la condición de vida de la población pobre de Sorocaba se fue deteriorando más y más a medida que la ciudad tenía un relativo crecimiento urbano e industrial.

Palabras clave: salud pública, enfermedades, conflictos sociales, urbanización, Sorocaba/São Paulo.

Press and Public Health in the City of Sorocaba: Industrialization and its Impact on the Living Conditions of the Population (1890-1916)

Abstract

This article aims to discuss the sanitary and public health conditions in Sorocaba, São Paulo, between 1890 and 1916, in contrast to the image of the industrial city and wholesome defended by local press. To do so, through the local newspapers analysis as documentary sources and taking as theoretical framework the concepts established by the field of urban history, are investigated transformations experienced by the city in the focused period, highlighting issues such as increased begging, contagious diseases, lack of sanitation and problems in relation to public cleanliness. Some repressive measures by the municipality in order to combat the vagrancy and away from the urban center carriers of certain diseases, such as leprosy and tuberculosis are also pointed out. Thus, we intend to show how the living conditions of poor in Sorocaba was deteriorating more and more as the city had a relative urban and industrial growth.

Keywords: public health; diseases; social conflicts; urbanization; Sorocaba/São Paulo.

Introdução

Nas últimas décadas, no Brasil, houve um importante crescimento das pesquisas históricas relacionadas ao tema da saúde pública e da medicina. Cada vez mais, profissionais da saúde vêm recorrendo às ciências humanas para a investigação de temas que demandam uma perspectiva socioeconômica mais ampla, assim como os historiadores vêm se interessando cada vez mais em compreender como as questões de saúde se inserem nas relações sociais, nas medidas implementadas pelas autoridades públicas, nas reivindicações populares, entre outros¹.

Nesse sentido, o Estado de São Paulo tem se mostrado um espaço privilegiado para a pesquisa histórica na área da saúde pública e da medicina devido, em grande parte, a sua configuração socioeconômica e política singular, que a partir do último quartel do século XIX acabou influenciando os modos de atender às demandas sociais por saúde e cuidados². A partir da década de 1970 surgem novos estudos sobre essa temática, influenciados em grande medida pelo marxismo.

Essa influência é muito marcante nos estudos que buscavam compreender a conformação das práticas sanitárias no contexto do desenvolvimento do capitalismo no Estado de São Paulo, muitos deles, centrando suas análises na relação entre o combate às epidemias de febre amarela nos municípios interioranos e a garantia da reprodução da mão de obra na lavoura cafeeira para exportação³. Em estudo mais recente, baseando-se no conceito de paulistanismo –compreendido como um ideal de superioridade, inclusive racial, defendido por parte das elites paulistas em relação ao restante da população brasileira, entre o final do século XIX e o início do XX–, evidenciou-se a existência de um projeto médico-sanitário idealizado pelo Estado de São Paulo, no período em questão, que tinha como objetivo levar o progresso às demais regiões do país. Esse contexto, marcou também um forte processo de intervenção de suas instituições médico-sanitárias sobre os municípios do interior do Estado, para, além de combater as doenças, levar a civilização a esses lugares⁴. É nesse contexto que se busca compreender as condições sanitárias e de saúde pública em Sorocaba e sua repercussão na imprensa local.

¹ Dall'Ava, João P. "Sorocaba entre epidemias: a experiência de Álvaro Soares na febre amarela e na gripe espanhola (1897-1918)", (Dissertação mestrado), Universidade de São Paulo, 2015, p. 25.

² Ferreira, Antonio C. e Luca, Tania R. de. "Medicina e Práticas Médicas em São Paulo: uma introdução", em Mota, André e Marinho, Maria G. S. M. (orgs.), *Práticas Médicas e de Saúde nos Municípios Paulistas: a história e suas interfaces* (São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CDG Casa de Soluções e Editora, 2011), p. 33.

³ Iyda, Massako. *Cem Anos de Saúde Pública: a cidadania negada* (São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994); Merhy, Emerson. *O capitalismo e a saúde pública: a emergência das práticas sanitárias no Estado de São Paulo* (Campinas: Papirus, 1985); Ribeiro, Maria A. R. *História sem fim... Inventário da saúde pública (São Paulo-1880-1930)*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993); Telarolli Jr, Rodolpho. *Poder e Saúde: A República, a Febre Amarela e a Formação dos Serviços Sanitários no Estado de São Paulo*, (Tese doutorado), Campinas, SP, Depto. de Medicina Preventiva, FCM-Unicamp, 1993.

⁴ Mota, André. *Tropeços da Medicina Bandeirante: medicina paulista entre 1892-1920* (São Paulo: Edusp, 2005), p. 47.

Sorocaba, localizada a aproximadamente cem quilômetros da cidade de São Paulo, passou por grandes transformações entre o final do século XIX e início do XX. Para compreender essas transformações, procurou-se inseri-las no contexto de urbanização dos municípios do interior do Estado de São Paulo à época. Buscando evitar generalizações teóricas, partiu-se do pressuposto que, “[...] inscrita em realidades históricas diversas, a modernização urbana apresenta diferenças importantes, pois uma cidade não se submete a um modelo sem modificá-lo”⁵. Desse modo, as cidades do interior do Estado, de pequeno e médio porte, como Sorocaba, se apropriaram de formas diversas dos “[...] pressupostos ideológicos norteadores da modernização urbanística, como a higienização, o embelezamento e a racionalização do espaço urbano”⁶.

Para o estudo das condições sanitárias de Sorocaba e sua relação com a presença de enfermidades recorrentes na cidade, as contribuições do campo da história da medicina e da saúde pública permitiram um conhecimento mais amplo e diversificado sobre as doenças, os tratamentos médicos e as epidemias, anunciando formas de se estudar o passado, buscando o entendimento do homem, da sociedade e de seus mecanismos de sobrevivência⁷.

A pesquisa empírica se baseou fundamentalmente na análise da imprensa sorocabana do período, utilizando-se de procedimentos metodológicos específicos para esse tipo de documento. Desse modo, jornais e revistas foram analisados em seu contexto de produção, pois,

[...] não é possível lidar com qualquer fragmento de um veículo da imprensa –um editorial, notícias esparsas reunidas em pasta na hemeroteca, cartas aos leitores– sem o reinserir no projeto editorial no interior do qual se articula, ou seja, sem remetê-lo ao jornal ou à revista que o publicou numa determinada conjuntura⁸.

Os procedimentos de análise da imprensa não devem se pautar pela concepção de veículo de informação imparcial, pois, “[...] os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir”⁹.

⁵ Follis, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Epoque paulista* (São Paulo: Editora Unesp, 2004), p. 17.

⁶ *Ibid.*

⁷ Bertolli, Filho. *A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade* (São Paulo: Paz e Terra, 2003), p. 31.

⁸ Cruz, Heloísa de F. e Peixoto, Maria do R. da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”, in *Projeto História* (São Paulo, 2007), p. 260.

⁹ Luca, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”, in Pinsky, Carla Bassanezi (org.), *Fontes históricas* (São Paulo: Contexto, 2005), p. 140.

Desse modo, além da compreensão do contexto de produção e circulação dos órgãos de imprensa, é necessário também o conhecimento dos grupos e interesses responsáveis por sua publicação. Em Sorocaba, os principais jornais na virada do século XIX para o XX eram *O 15 de Novembro*, o *Cruzeiro do Sul* e *A Voz do Povo*.

A *Typographia 15 de Novembro Editora* foi fundada na década de 1890, com o objetivo, dentre outros, de publicar um jornal republicano na cidade. O seu proprietário, João José da Silva, era um conhecido comerciante na cidade à época, pois tinha se estabelecido em Sorocaba no início da década de 1870. Sua chegada à cidade tem relação com os empreendimentos tipográficos do capitalista Matheus Maylasky, de fazer circular, junto com outros capitalistas, um jornal que defendesse os interesses do grupo de sorocabanos liderados por ele¹⁰.

João José da Silva, proprietário e redator do jornal, “[...] sempre esteve muito próximo das elites republicanas da cidade, que controlavam os poderes públicos. Assim, seu jornal foi pautado por uma parcialidade política, cultivando boas relações com os administradores públicos, desde sua constituição”¹¹.

Após a dissidência estadual do Partido Republicano Paulista (1901), o jornal *O 15 de Novembro* permaneceu ao lado das forças situacionistas. Nesse contexto, o jornal *Cruzeiro do Sul*, editado pela *Typographia e Papelaria Cruzeiro do Sul*, teve sua primeira edição publicada no dia 12 de junho de 1903, como oposição local. Era dirigido por Joaquim Firmiano de Camargo Pires, filho do Cel. Benedito Antonio Pires, um dos mais importantes líderes republicanos, junto com Olivério José do Pilar, desde o final do Império.

Nhô Quim, como era conhecido Joaquim Firmiano, junto com seu irmão, o Capitão João Clímaco de Camargo Pires, foi ativo participante da política em Sorocaba, tanto compondo o PRP local, como disputando espaço na administração pública. Após a dissidência do PRP, partiu para o enfrentamento político, fundando o *Cruzeiro do Sul*¹².

O jornal *A Voz do Povo* foi fundado em 1892 e publicado até 1898. Este, além de rivalizar com *O 15 de Novembro* no mercado editorial de Sorocaba no final do século XIX, era controlado por um grupo de pessoas que também fazia oposição à situação política local. O jornal foi empastelado por seus inimigos políticos em 1896 e, a partir de então, passou a ser publicado em Tatuí, município localizado, aproximadamente, a 60 quilômetros de Sorocaba¹³.

¹⁰ Pinto Jr., Arnaldo. *A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba, 1903-1914*, (Dissertação mestrado), Universidade de Campinas, 2003, pp. 86-87.

¹¹ *Ibid.*, p. 88.

¹² *Ibid.*, p. 90.

¹³ *Almanach de Sorocaba para 1903*, organizado por Maria Vieira da Silva, Ed. fac-similar, Taquarituba, SP, 2007, p. 30.

Ao compreender a imprensa sorocabana em seu contexto de produção e circulação e identificando os responsáveis por sua publicação, verifica-se que em decorrência de sua ligação com as elites políticas e econômicas locais, o discurso desses periódicos atendia aos interesses desses grupos. Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos apontados acima, pretende-se compreender as condições sanitárias e de saúde pública em Sorocaba, no início do século XX, contrapondo-as à imagem de cidade industrial e salubre propagada pela imprensa local, ancorada na expressão Manchester Paulista.

Sorocaba, a Manchester Paulista

A cidade de Sorocaba insere-se em uma região de ocupação antiga, desbravada na primeira metade do século XVII. Em 1750 instala-se na localidade o Registro de Animais, tornando-a o principal posto de arrecadação de impostos sobre o trânsito de animais entre a região sul e o planalto de São Paulo. Em decorrência disso, passou a apresentar um aumento populacional, pois houve uma atração de migrantes da região para a localidade, estimulada pelo Registro de Animais e pelas novas possibilidades de lucro que o trânsito e o comércio de animais estabeleceram¹⁴.

Entretanto, no final do século XIX a imprensa local procurou apresentar uma imagem bem diferente de Sorocaba, bem distante daquela cidade famosa pelo comércio de animais e pelas feiras anuais que se realizavam no período da passagem das tropas de muares:

Longe da agitação nervosa dos grandes centros, [...] está Sorocaba, a tradicional terra da saúde e, sem erro, do trabalho.

A obra da civilização aqui já produziu sazonados frutos, mas, como nova, não pôde ainda apagar certos vestígios que para nossa história, também recente, ainda servem de fontes bem expressivas.

Contornando a cidade de alto a baixo, por uma face, a subir margeando o rio Sorocaba, ainda está a rua das tropas, limitando para um lado o estreito Valle do mesmo rio. Mas as tropas já desapareceram;

[...]

Não ha mais feiras.

[...]

Diversas industrias pequenas [...] e fabricas importantes, [...] ahi está, principalmente, o caracteristico de Sorocaba, cuja vida foi desde seus principios um tanto original.

Aqui a iniciativa póde muito; e já grande numero de familias vivem da industria fabril, aqui já ha muitos nacionais operarios e não *camaradas* como é commum aos filhos de outros logares.

¹⁴ Baddini, Cássia M. *Sorocaba no Império: comércio de animais e desenvolvimento urbano* (São Paulo: Annablume: Fapesp), 2002, pp. 15-16.

[...]

Aqui temos a tendencia industrial e, mais precisamente, a concretização dessa tendência.

São agora as fabricas que, por darem trabalho, agremião o povo, que desde seus principios se occupava em artefactos diversos para exportação¹⁵.

Além da valorização do clima da cidade, o texto evidencia o objetivo de superar o comércio de animais, a passagem de tropas de muares pela cidade e as feiras como eventos urbanos. É importante destacar a menção a uma pretensa tendencia industrial do povo sorocabano, promovendo, assim, a imagem de uma cidade fabril. Para isso, algumas aproximações entre Sorocaba e a cidade inglesa de Manchester passaram a compor o imaginário urbano, fervilhando a imaginação da burguesia local, camadas médias e dirigentes políticos da cidade durante toda a década de 1890¹⁶.

Em 5 de janeiro de 1905, o jornal *O 15 de Novembro* anunciou a inauguração dos trabalhos para a construção de uma usina hidroelétrica junto à cachoeira do salto do Itupararanga – em localidade próxima à Sorocaba –, ocasião em que relata as festividades do evento, a homenagem ao superintendente da Estrada de Ferro Sorocabana, Alfredo Maia, e a referência à nova cidade:

Em meio a esse clima de festa e discursos exaltados, surge a comparação entre Sorocaba e a cidade inglesa de Manchester. A relação é feita por ninguém menos que o próprio Alfredo Maia, que, agradecendo os obséquios recebidos e num improvisado e eloquente discurso sustentava que dali a não pouco tempo Sorocaba se tornaria a Manchester brasileira. Tal expressão foi rapidamente encampada pelas lideranças locais, fato decisivo para que a cidade se tornasse conhecida, ao longo do século XX, como a Manchester Paulista.¹⁷

O momento é sintomático porque refletia um período de recuperação econômica e retomada do crescimento fabril em Sorocaba, superando a crise que se deu na virada do século XIX para o XX, além dos prejuízos causados pelas epidemias de febre amarela em 1897 e 1900. A paralisação da indústria, ainda que momentânea, representava um duro golpe nas expectativas das elites sorocabanas e em seu objetivo de promover a civilização e o progresso na cidade por meio da atividade fabril.

Entretanto, após a recuperação econômica, durante os primeiros anos do século XX, a imagem da cidade industrial difundida na imprensa sorocabana, somada à urbanização que ocorria paulatinamente e ao crescimento populacional, encontrou suporte na construção do mito da Manchester Paulista, propagado intensamente a partir de então.

¹⁵ “Editorial”, *O 15 de Novembro*, Sorocaba, SP, fevereiro 14 de 1897, p. 1.

¹⁶ Carvalho, Rogério L. P. *Fisionomia da cidade: Sorocaba–cotidiano e desenvolvimento urbano-1890-1943*, (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo, 2008, p. 42.

¹⁷ Carvalho, Rogério L. P. de. “Aspectos da Modernidade em Sorocaba: experiências urbanas e representações 1890-1914”, in *Revista de História*, vol. II, n.º 61, 2004, pp. 202-203.

Imagens inversas da Manchester Paulista: o sorocabano em pauta

A despeito do otimismo demonstrado pelas elites de Sorocaba, esse período de transição entre o final do século XIX e o início do XX apresentou novos desafios sociais, entre eles o aprofundamento de graves condições de vida. Por meio da análise da imprensa é possível vislumbrar temáticas recorrentes – como a saúde pública – e que, muitas vezes, motivaram projetos políticos e de intervenção urbana. Na imprensa paulista do início do século XX, episódios como epidemias, ao motivarem críticas principalmente à ordem sanitária das cidades, justificavam a “[...] implementação de projetos variados que incidiam diretamente sobre a vida dos trabalhadores urbanos, o que aparece retratado em vários momentos em jornais operários da época”¹⁸.

Nesse sentido, a imprensa sorocabana trazia consigo a preocupação com determinados grupos que eram considerados uma ameaça à visão que se tentava construir, como os mendicantes e os enfermos. Essa preocupação era expressa através de críticas veiculadas pela imprensa local contra o crescimento da mendicância e divagação de doentes pela cidade e por meio de tentativas de segregação e controle desses indivíduos por parte das autoridades.

No Brasil, a preocupação com a questão da pobreza se intensificou no final do século XIX, no contexto de declínio da escravidão. Nesse momento, as camadas populares passaram a ser alvo de análises e debates por parte das autoridades, que viam com desconfiança e apreensão seu crescimento nas grandes cidades. Não demorou muito para que nos debates parlamentares na Corte, posteriores a aprovação da lei de abolição da escravidão, o termo classes pobres fosse associado à noção de classes perigosas¹⁹.

Em Sorocaba, a pobreza começou a preocupar as classes dominantes também no final do século XIX, em um contexto de crescimento urbano e aumento populacional. Percebe-se nas publicações da imprensa da época o espanto com o aumento do número de mendigos na cidade. Em artigo intitulado *Os pobres*, o jornal *Cruzeiro do Sul* relata que:

Cresce assombrosamente a onda dos pedintes. Dêe-nos vêr o cordão andrajoso e faminto que, aos sabbados, percorre as ruas, supplicando esmola pelo amor de Deus. Uns, por piedade e religião, depositam na mão estendida o obulo da caridade; outros, com desdenhoso não pode ser os despedem vãos, e outros ainda escolhem a pequena moeda para descargo de consciencia, e com ella dão o produto negro da avareza. E a scena repete-se diariamente²⁰.

O artigo menciona a existência de associações particulares com intuítos beneficentes em favor dos desvalidos, mas que não seriam suficientes, pois, segundo o autor, a

¹⁸ Bertucci, Liane M. *Impressões sobre a saúde: a questão da saúde na imprensa operária, São Paulo-1891/1925*, (Dissertação mestrado), Universidade de Campinas, 1992, p. 242.

¹⁹ Chalhoub, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006), pp. 20-21.

²⁰ “Os pobres”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, junho 20 de 1903, p. 1.

situação econômica do país se agravava, apertando em círculo de ferro as classes proletárias e acrescentando que “[...] além do pobre que pede esmola ha o pobre que a não pede, e que curte no silencio as dores cruciantes da fome”²¹.

O autor ainda termina o texto anunciando que o jornal abriria uma caixa para doações aos pobres e que daria notícias sobre as contribuições por meio das publicações. Contudo, nas edições seguintes o jornal se queixa da ausência de doações: “Lastimamos bastante que as almas caridosas não nos favoreçam nesta secção”²².

Entretanto, a caridade tão exaltada nas publicações da imprensa sorocabana não era estendida a todos. Havia exceções, como no caso da notícia publicada no mesmo jornal, em 24 de junho de 1903, intitulada Abuso: “Soubemos de um preto que quando precisa de cobre, sae pela cidade com o divino, a aproveitar dos ingenuos e dos catholicos”²³.

Nota-se nas publicações da imprensa local o apelo a sentimentos como caridade e piedade como meio de amenizar o problema da pobreza na cidade. Esse assistencialismo, levado a cabo pelas classes dominantes sorocabanas, também pode ser percebido na criação de instituições filantrópicas na cidade, na virada do século XIX para o XX. Alguns dos fatores que contribuíram para o estabelecimento dessa forma de assistencialismo foram: o fim da escravidão; a queda da Monarquia; a separação entre Estado e Igreja; a quebra do monopólio religioso na assistência social²⁴.

Nesse momento, as instituições filantrópicas substituíram as associações caritativas, dotadas de forte cunho religioso. Essas associações, até então quase que exclusivamente controladas pela igreja, socorriam os enfermos no domicílio, patrocinavam seu atendimento e os encaminhavam para a internação, além de fornecerem algum tipo de auxílio para os familiares. Já as instituições filantrópicas, nos moldes das que vinham sendo criadas em Sorocaba, “[...] embora também tivessem o objetivo de atender os problemas imediatos dos assistidos, patrocinavam ações sanitárias, tratamento, prevenção e educação em saúde, além de terem a meta de tornar as pessoas produtivas e autossuficientes [...]”²⁵.

O *Asylo de Mendicidade de S. Vicente de Paulo* foi fundado em Sorocaba pela *Conferencia de São Vicente*, em 1896. No mesmo ano começou a construção de seu prédio, que foi inaugurado em 1º de janeiro de 1902. De acordo com o artigo 1º do Regulamento interno, o *Asylo* era destinado aos mendigos de ambos os sexos e

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.*

²³ “Abuso”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, junho 24 de 1903, p. 1.

²⁴ Marcílio, Maria Luíza. *História social da criança abandonada* (São Paulo: HUCITEC, 1998), p. 191.

²⁵ Mott, Maria Lucia, et al. “Assistência à saúde, filantropia e gênero: as sociedades civis na cidade de São Paulo (1839-1929)”, in Mott, Maria Lucia e Sanglard, Gisele (orgs.), *História da saúde em São Paulo: instituições e patrimônio histórico e arquitetônico (1808-1958)* (Barueri, SP: Minha Editora, 2011), p. 105.

admitia os menores de 14 annos encontrados nas ruas em abandono ou na ociosidade; os que por seu “[...] estado physico ou idade avançada, não podendo pelo trabalho prover as primeiras necessidades da vida, [...] [tivessem] o habito de esmolar”; e os que solicitassem entrada, “[...] provando a sua absoluta indigencia com attestados de autoridades constituídas, civil e ecclesiastica”²⁶.

Nos estatutos da instituição percebe-se a preocupação com a disciplina voltada para o trabalho e o intuito de tornar os indivíduos produtivos para o mercado de trabalho: “Art. 17. –O trabalho é obrigatório no Asylo, e portanto nenhum asylado pode recusar-se ao que lhe for determinado, segundo a sua aptidão, força e estado”²⁷. Também no discurso da imprensa local, a ideia de regeneração dos indivíduos desviantes com vistas ao progresso da sociedade era frequentemente abordada nos artigos jornalísticos do período:

Alli vae um homem cabisbaixo e taciturno; [...]

Em epochas que passaram elle era o idolo da familia, [...] hoje é o mais odiado dos filhos [...]. [...]

Porém, oh sociedade! Sêde ao menos um dia mais humanitária! Não deixae que um homem que ainda poderá talvez concorrer para vosso progresso, se deixe precipitar em um abysmo insondavel do qual não mais podereis retiral-o uma vez que nelle se tenha lançado!

Dae-lhe outra vez a vossa mão, erguei-o do precipicio em que talvez se deixará cahir se o abandonares; e elle, regenerado pelo soffrimento, vos agradecerá, trabalhando com afincio para o vosso engrandecimento²⁸.

Pode-se perceber a intenção, presente no discurso da imprensa sorocabana e nas medidas implementadas pelas instituições filantrópicas, de recuperar os indivíduos tidos como degenerados, adaptando-os ao trabalho. Nesse sentido, as ações filantrópicas tinham dupla função: assistir os setores marginalizados da população e domesticar e capacitar os indivíduos como mão de obra barata, tentando, dessa forma, amenizar os conflitos sociais existentes.

A ideia da sociedade pautada pelo progresso, tendo o trabalho como ponto fundamental para sua realização, circulou pelas elites brasileiras nesse período. Em decorrência disso, em um contexto de forte imigração e de embates em torno da definição de povo no país, surge a preocupação de como “[...] controlar e submeter a um trabalho árduo, contínuo e disciplinado, amplas parcelas da população, fosse ela imigrante, nacional, branca, mestiça ou negra”²⁹.

²⁶ *Almanach illustrado de Sorocaba para 1914: Repositório historico, literario e recreativo, com illustrações*, organizado por Braulio Werneck. Ed. –fac-similar– Taquarituba, SP: Juracy Tenor, 2006, p. 221.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ “Editorial”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, novembro 25 de 1903, p. 1.

²⁹ Naxara, Márcia R. Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920* (São Paulo: Annablume, 1998), p. 49.

Apesar dos esforços das elites sorocabanas em tentar controlar as camadas populares e inseri-las no mercado de trabalho, esse processo não se deu sem resistências, como noticiou o jornal *Cruzeiro do Sul*, em 1916: “Vicente de tal, recolhido ao Asylo São Vicente de Paulo, rebelou-se contra os empregados daquelle estabelecimento, tentando agredil-os. A policia foi obrigada a recolher ao xadrez o exaltado Vicente [...]”³⁰. Desse modo, sob a justificativa de conter a vadiagem na cidade, a municipalidade passou a tomar medidas cada vez mais repressivas. Tornaram-se corriqueiras as notícias publicadas na imprensa local informando sobre prisões de indivíduos sob a acusação de vagabundagem:

O sr. dr. Delegado de policia vae processar como vagabundos os indivíduos Roque Pinto e Candido Dias de Campos. Aquelle vivia de explorar a caridade publica, esmolando sem licença e sem estar nas condições de merecel-a; este ultimo vive de expertezas: é dos taes que quando abaixa cinco levanta seis, no dizer bizarro do povo³¹.

Se, no final do século XIX, a mendicância era, pelo menos, tolerada pelas elites sorocabanas, na segunda década do século seguinte as autoridades iniciaram um forte controle sobre os mendigos, permitindo o pedido de esmolas nas ruas da cidade mediante licença concedida pelo delegado de polícia:

O sr.dr. Heitor dos Santos, intimou hontem muitos mendigos a comparecerem na delegacia de policia, afim de consentir ou não que continuem a mendigar.

Aquella autoridade forneceu licença a alguns, e vae processar como vagabundos outros, que, completamente sãos, andam explorando a caridade publica³².

Nesse momento, uma mudança de atitude por parte das autoridades sorocabanas em relação às camadas populares na cidade começa a se intensificar. Ocorre uma transição de um modelo filantrópico de assistência à pobreza para uma crescente repressão aos indivíduos tidos como vadios, por um lado, e uma tentativa de maior controle sobre a mendicância, por outro. Contudo, os portadores de doenças consideradas repulsivas ou altamente contagiosas continuariam sob a tutela da filantropia.

Entre os grupos privilegiados pela assistência caritativa e filantrópica, até meados do século XX, encontravam-se os portadores de hanseníase e de tuberculose, assim como seus familiares sãos. Considerando que essas doenças receberam menor atenção do poder público nas primeiras décadas da República, se comparadas com outras doenças infectocontagiosas, as práticas caritativas e filantrópicas eram praticamente a única forma de assistência aos portadores dessas enfermidades:

A tuberculose era uma das doenças com maior índice de mortalidade no período em São Paulo e a lepra era uma doença sobre a qual pesavam enorme preconceito, medo de contágio e constrangimento social, em virtude de os

³⁰ “Prisão”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, fevereiro 25 de 1916, p. 2.

³¹ “Vagabundos”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, janeiro 28 de 1916, p. 2.

³² “Vagabundos”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, janeiro 23 de 1916, p. 2.

portadores circularem pelo espaço urbano mendigando e compartilhando bens de consumo, meios de transporte, lazer, restaurantes, etc.³³.

Nesse sentido, a *Philanthropia Sorocabana*, fundada em 26 de junho de 1902, inicialmente tinha como objetivo proteger a pobreza envergonhada e os morpheticos. Devido a dificuldades financeiras, a partir de 1905, passou a socorrer apenas os leprosos e, em 1912, construiu-se a Villa de S. Lazaro, com o intuito de abrigá-los. Os prédios foram construídos fora dos limites da cidade, afastando desse modo os leprosos do centro urbano³⁴.

O jornal *Cruzeiro do Sul*, ao se referir à ação da *Philanthropia* em relação ao aumento do número de mendigos na cidade, afirmava que “[...] a romaria lúgubre dos morpheticos fez a sua retirada á sombra da mão bemfeitora de uma associação benemérita, que carinhosamente os affaga no lar da miséria e da dor”³⁵. O mesmo jornal, agora em 1916, elogiava a associação afirmando que ela mantinha “[...] internados na villa de São Lazaro numerosos morpheticos que viviam ahi pelas ruas a expor suas ulceras roazes e a consternar os transeuntes com a sua miséria physica [...]”, impedindo desse modo o “[...] contagio dos seus semelhantes”³⁶.

Entre morféticos e tuberculosos

A questão da divagação de portadores de determinadas enfermidades pelo centro de Sorocaba era um problema antigo. Dentre eles, os leprosos eram os que causavam maior preocupação às autoridades. Numa vila mercantil, como era o caso de Sorocaba em meados do século XIX, que dependia da afluência de condutores de gado, compradores e visitantes, a divagação dos leprosos para esmolar acabava se tornando um problema para o comércio local³⁷.

A lepra, uma das doenças mais antigas de que se tem registro, sempre carregou um forte estigma associado à imoralidade e à impureza. Na Idade Média, momento em que o cristianismo relaciona a doença ao pecado, consolidou-se a imagem negativa que se associou à enfermidade até recentemente, justificando atitudes de exclusão social e, até mesmo, de violência em relação aos portadores do mal:

Dentro dessa ótica, é inegável a importância da época medieval, uma vez que as ações de violência praticadas contra os doentes não só espelhavam a ideia da contaminação ritual descrita na Bíblia, como contribuíram na fixação de um imaginário estigmatizante e para o construto da doença³⁸.

³³ Mott, Maria Lucia, et al. “Assistência à saúde, filantropia e gênero: as sociedades civis na cidade de São Paulo (1839-1929)”, in Mott, Maria Lucia e Sanglard, Gisele (orgs.), *História da saúde... Op. Cit.*, pp. 106-107.

³⁴ *Almanach illustrado de Sorocaba para 1914*, p. 173.

³⁵ “Philanthropia Sorocabana”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, junho 20 de 1903, p. 1.

³⁶ “Morpheticos”, *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, fevereiro 29 de 1916, p. 2.

³⁷ Baddini, Cássia M. “Salubridade pública e poder local: Sorocaba no século XIX”, em *Caderno de História*, n.º 2, 2006, p. 18.

³⁸ Monteiro, Yara N. e Carneiro, Maria L. T. (orgs.). *As doenças e os medos sociais* (São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2013), p. 92.

Resquícios desse estigma atribuído à doença ainda estavam presentes em meados do século XX. Em Sorocaba, a imagem negativa associada à lepra pode ser percebida nos termos utilizados pela imprensa local para se referir aos enfermos, como “[...] misereros morpheticos”³⁹, pobres lazarus, infelizes doentes, pobres morpheticos, etc.⁴⁰

Em Sorocaba, a mendicância representava o principal meio de subsistência dos portadores de hanseníase. Entretanto, em meados do século XIX, na tentativa de coibir a presença dos leprosos no centro urbano sorocabano, a municipalidade chegou a proibir a prática de dar esmolas:

Ficava claro que o problema da divagação de doentes pela vila, apresentado pelo governo imperial como de salubridade pública, representava para os comerciantes estabelecidos na vila uma questão de assegurar o controle do mercado local, inibindo práticas informais de caridade da população, vistas como a causa daquela divagação. Não havendo na localidade um hospital que pudesse encerrar esses doentes, distanciando-os do centro urbano e condicionando-os a um modo de vida determinado pela elite dominante, recorre-se a vizinha Itu como alternativa para solucionar o problema⁴¹.

De acordo com Baddini, é difícil saber a quantidade de enfermos transferidos para o Hospital de Lázarus de Itu. Posteriormente, a municipalidade passou a segregar os doentes no bairro do Cerrado, fora dos limites da cidade, onde futuramente seria construída a vila de *São Lázaro*.

Assim como o estigma da lepra perdurou pelos séculos, seu modelo de tratamento também permaneceu praticamente o mesmo, pois se diferenciava das formas de combate às outras doenças devido às suas características próprias⁴². Deste modo, diferentemente do sistema de organização médica suscitado pela peste –baseado na quarentena e na vigilância permanente dos doentes–, o da lepra manteve sua centralidade na exclusão social do doente⁴³.

Além da lepra, a tuberculose era outra doença que se fazia presente no cotidiano dos sorocabanos. Devido ao clima ameno, considerado propício para o restabelecimento da saúde, a cidade atraía, afora seus próprios doentes, tuberculosos de lugares diversos em busca de recuperação.

Com a revelação da etiologia da doença, no final do século XIX, superaram-se teorias vigentes até então, como a que associava a sua causa à hereditariedade, consolidando o contágio como o principal meio de sua propagação e reconhecendo as condições insalubres de trabalho e moradia como agravantes⁴⁴.

³⁹ Editorial e *O 15 de Novembro*, Sorocaba, SP, maio 2 de 1897, p. 1.

⁴⁰ Editorial e *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, fevereiro 29 de 1916, p. 2.

⁴¹ Baddini, Cássia M. “Salubridade pública e poder local: Sorocaba no século XIX”, in *Caderno de História... Op. Cit.*, p. 18.

⁴² Monteiro, Yara N. e Carneiro, Maria L. T. (orgs.). *As doenças... Op. Cit.*, p. 91.

⁴³ Foucault, Michel. *Microfísica do poder* (Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007), p. 88.

⁴⁴ Nascimento, Dilene R. *As Pestes do Século XX: Tuberculose e Aids no Brasil-Uma história comparada*

O diagnóstico de tuberculose em um indivíduo causava em sua família, além da tristeza, uma solidariedade ambígua, pois, ao mesmo tempo em que se tentava dar o máximo de conforto ao doente, este também se tornava uma figura incômoda, tanto pela ameaça de infecção aos sadios quanto pelos custos e intensidade do tratamento que a enfermidade exigia. E, se a notícia da doença viesse a público, a família ainda poderia se tornar alvo dos estigmas sociais que a tuberculose causava.

Sendo assim, a sentença clínica, na maioria dos casos, era mantida em segredo pelas famílias, que passavam enfiado a providenciar o isolamento do doente, segregando-o em um cômodo exclusivo da casa e separando seus pertences e utensílios do resto dos moradores. Além disso, no caso das famílias ricas, era comum providenciar a transferência do tísico para as estações climatoterápicas, ou mesmo para localidades afastadas⁴⁵.

Os doentes que dispunham de poucos recursos econômicos, muitas vezes, vagavam por diversas cidades, mesmo que não estivessem diretamente alinhadas com estações de tratamento. Desse modo, cada Estado passou a contar com uma ou mais cidades com a fama de áreas para descanso e quando os tisiólogos passaram a indicar as localidades de climas frios para o tratamento da tuberculose, alguns municípios paulistas começaram a receber uma quantidade cada vez maior de tuberculosos. Sorocaba, que já apresentava uma imagem de cidade com clima ameno e salubre, passou então a ostentar epítetos como Sanatorium de S. Paulo e Higienópolis Paulista, visto que se encontrava entre as localidades recomendadas pelos médicos para tratamento da doença. Segundo Bertolli Filho,

No mesmo período, o Prof. Torres Homem (1882) ensinava aos seus discípulos que a cura da consunção poderia ser obtida por meio da permanência dos enfermos em climas apropriados, [...] [como] os distritos paulistas de Campos do Jordão, Areias, Araraquara, Sorocaba, Piracicaba e Itú⁴⁶.

A inauguração do Hotel de Convalescentes em uma chácara de Sorocaba, em 1886, reforçava a fama de salubridade que a cidade apresentaria na época. Um anúncio na imprensa apresentava o estabelecimento:

Este estabelecimento, montado pelo dr. Nicoláu P. de C. Vergeiro [sic], e confiado à gerencia do Sr. Carlos Schäfer, occupa uma das situações mais aprazíveis da cidade de Sorocaba, cujo clima saudavel desde muito tempo é procurado por grande numero de enfermos. O dito estabelecimento acha-se em optimas condições hygienicas e dispendo de vastos e arejados commodos, grande terreno para passeio, excellent agua nascente encanada, banhos quentes, frios e de chuva, etc., offerece grandes vantagens para convalescentes e pessoas que necessitam de mudanças de ares⁴⁷.

(Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2005), p. 46.

⁴⁵ Bertolli Filho, Claudio. *História Social da Tuberculose e do Tuberculoso: 1900-1950* (Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001), pp. 129-130.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 138.

⁴⁷ “Hotel de Convalescentes” e “Diario de Sorocaba”, *Sorocaba*, SP, julho 8 de 1886, p. 2.

Apesar de seu avanço, até o início do século XX não havia uma preocupação específica do Estado em relação à tuberculose, por não ser considerada uma doença epidêmica, tais como a febre amarela e a varíola, que recebiam maior atenção por parte das instituições governamentais:

[...] a tuberculose não logrou tornar-se uma questão emergente para o Estado na primeira década do século XX. A prática da Saúde Pública, determinada por interesses nacionais de ordem econômica, transparecia não visar, necessariamente, à melhoria das condições de saúde da população em geral⁴⁸.

Assim como em outros Estados, o governo de São Paulo, representado pelo Serviço Sanitário Estadual, também privilegiava o combate às doenças epidêmicas. Na capital do Estado as primeiras ações mais sistematizadas em relação à tuberculose se deram por iniciativa de particulares, como o médico Clemente Ferreira. Sua proposta de combate à doença baseava-se na ação conjunta entre a filantropia e o governo estadual, por meio da Liga Paulista contra a Tuberculose, fundada em 1900. Seu objetivo era contar com o apoio, principalmente, da classe médica, de filantropos e de capitalistas dos diversos municípios do interior acometidos pela enfermidade:

[...] logo no início da implementação do projeto desenhado pelo Dr. Ferreira, suas medidas foram desconsideradas pelas autoridades e instâncias médicas do interior do Estado, não havendo registros, nessas cidades, do comprometimento esperado ou a adesão às resoluções que erigiriam uma liga antituberculosa.

[...]

Evidentemente, a luta das autoridades municipais contra a centralização dos órgãos estaduais de saúde pública criou obstáculos na execução desse projeto, principalmente pela dificuldade na obtenção do capital necessário para a construção e conservação de filiais, provavelmente pela desconfiança e franca aversão às ações do governo do Estado, representado na figura do Dr. Ferreira⁴⁹.

Embora em Sorocaba não haja registros da existência de uma liga antituberculosa no período tratado, a cidade, aos poucos, foi se configurando, para além de uma localidade da cura da tuberculose, como um lugar onde o avanço da tísica era motivo de preocupação. Nesse sentido, a principal medida da municipalidade para o tratamento da doença foi a edificação dos pavilhões para tuberculosos, inaugurados em 1899, junto com o novo hospital da Santa Casa de Misericórdia. De acordo com o *Almanach de Sorocaba para 1903*, eram os únicos que existiam em todo o Estado de São Paulo e foram construídos com o dinheiro que havia sobrado das quantias recolhidas para as vítimas da segunda epidemia de febre amarela na cidade, através da Comissão de Socorros⁵⁰.

⁴⁸ Nascimento, Dilene R. As Pestes. Nascimento, Dilene R. As Pestes do Século XX: Tuberculose... *Op. Cit.*, p. 56.

⁴⁹ Mota, André. *Tropeços da Medicina Bandeirante: medicina paulista entre 1892-1920* (São Paulo: Edusp, 2005), pp. 128-129.

⁵⁰ *Almanach de Sorocaba para 1903*, Ed. fac-similar, Taquarituba, SP, 2007, p. 95.

Apesar disso, segundo Bertolli Filho, na maioria dos casos a conquista de uma vaga num sanatório ou em um leito hospitalar especializado, como era o caso dos pavilhões de tuberculosos na Santa Casa de Sorocaba, não era tarefa fácil. Inclusive, a numerosa concentração dos tísicos nas estâncias climatoterápicas do Estado de São Paulo fazia com que grande parte dos doentes recorresse às instituições assistenciais da capital paulista⁵¹.

Clemente Ferreira, além de sofrer a resistência dos municípios do interior do Estado no seu projeto de criação de ligas antituberculosas locais, também se deparou com obstáculos no combate à doença na capital. A prefeitura de São Paulo advogava como sua a prerrogativa sobre o combate à tuberculose, privilegiando, ao invés do tratamento do doente, medidas que visavam evitar a propagação da doença, como a vacinação de vacas leiteiras e a fiscalização de estábulos e estabelecimentos comerciais:

[...] os poderes municipais acreditavam que essa ação, mesmo isolada, teria um impacto social expressivo, especialmente sobre os altos índices de mortalidade infantil, que tinha no consumo de leite infectado e sem controle sanitário uma de suas principais causas⁵².

Em Sorocaba foi criado o serviço municipal de fiscalização de vacas fornecedoras de leite para o consumo publico, que tinha como finalidade evitar a proliferação de doenças por meio da ingestão de leite infectado. O artigo 49 da legislação municipal estabelecia a proibição do “[...] fornecimento de leite proveniente de vacas affectadas de qualquer molestia infecciosa ou contagiosa, bem como daquellas que soffrerem qualquer molestia ou tumor no útero”⁵³. O documento não especifica as doenças a serem combatidas por meio da fiscalização das vacas e do leite, entretanto, atentando-se aos dados obtidos nos Annuarios Estatísticos de São Paulo referentes aos primeiros anos do século XX, constata –se que a tuberculose aparece como uma das maiores causadoras de óbitos em Sorocaba, atrás apenas das doenças que afetam o aparelho gastrointestinal– entre elas, a febre tifoide.

No início do século XX, a imagem da fatalidade da tuberculose era reforçada pelos jornais locais, por exemplo, quando era publicada mensalmente a relação das internações, altas e óbitos no hospital da Santa Casa. No caso dos óbitos, sempre se especificavam os pacientes que já entraram moribundos e, em especial, os tuberculosos.

Em 1914, a *Revista ABC...*, publicação mensal que trazia artigos relacionados à sciencia, arte, literatura e humorismo traz em sua parte científica um artigo escrito pelo médico Dr. Gentil Fontes, intitulado “Do movimento como preceito hygienico, na tuberculose pulmonar de fôrma torpida”.

⁵¹ Bertolli Filho, Claudio. *História Social da Tuberculose...* Op. Cit., pp. 135-136.

⁵² Mota, André. *Tropeços da Medicina...* Op. Cit, p. 130.

⁵³ *Codificação das leis da câmara municipal de Sorocaba*, Sorocaba, SP, 1906, p. 74.

O fato de uma revista mensal, que na maioria de suas publicações se dedicava à literatura e ao humor, abordar o tema da tuberculose, dá uma dimensão da importância da doença para a sociedade. No artigo, o médico demonstrava a necessidade de exercícios respiratórios como tratamento da enfermidade:

Ainda que pareça paradoxal em face da extensão espantosa da tuberculose pulmonar, afirmamos que o bacilo de *Koch* é um germen de fraca vitalidade. A acção constante do oxygenio abundante é uma das condições dysgenesicas do seu desenvolvimento. E é por falta de oxygenio que, nos centros populosos, os habitantes de pequenos cubículos (vá lá o pleonismo!), em que é vedado ao ar penetrar desemeçadamente, são as vítimas fataes do morbo⁵⁴.

Pode-se encontrar uma referência indireta à tuberculose e ao seu tratamento no poema publicado na mesma revista, intitulado Estroina:

Deixou a côrte e os bailes e as caçadas,
Vindo instalar-se, adoentada e langue,
N'esta casita d'onde enxerga o mangue
Alfinetado de arvores mirradas [...]

Viera saudosa e triste e quasi exangue [...]
N'essa mudança de ares e moradas
Recupera a saúde e a graça e o sangue
E a flexidez e as fôrmas delicadas [...]

Fez-se corada e bôa; e no entretanto,
Vae de novo buscar a dôr e o pranto,
Indo ao bulicio que seu talhe adelga [...]

E, apezar d'isto essa fidalga louca,
Parte levando engaiolada á bocca
Toda a alegria de um canario belga! [...]⁵⁵

Considera-se também como um estímulo à propagação da tuberculose em Sorocaba o processo de industrialização que a cidade vivia no início do século XX. Diversos fatores contribuíam para a transmissão da doença nas fábricas sorocabanas, tais como o confinamento em ambientes sem a adequada ventilação, a promiscuidade gerada pelas aglomerações em torno das máquinas e as péssimas condições de fornecimento de água aos operários. Esta última, como regra geral nos estabelecimentos fabris da época, provinha normalmente de torneiras, caixas e encanamentos imundos e era compartilhada por todos os trabalhadores. Os relatos de sanitaristas da época descrevem a situação:

O operário satisfaz suas exigências ou colocando a boca diretamente nessas torneiras ou servindo-se de canecas utilizadas por vários deles [...]. A utilização

⁵⁴ Fontes, Gentil. "Do movimento como preceito hygienico, na tuberculose pulmonar de fôrma torpida", in *Revista ABC... Revista mensal de sciencia, arte, literatura e humorismo*, Sorocaba, nº 2, 1914, sem páginas.

⁵⁵ *Ibid.*, Lopes, Armando. "Estroina", in *Revista ABC... Revista mensal de sciencia... Op. Cit.*, sem páginas.

direta ou pelas canecas, por sem dúvida, pode concorrer a outras infecções quais a tuberculose, a sífilis⁵⁶.

O fato de predominar na cidade a indústria têxtil, marcada pelos estabelecimentos de fiação e tecelagem, pode ser considerado um agravante na disseminação da tuberculose, visto que o próprio processo produtivo nessas fábricas facilitava a propagação de vírus e bactérias e a deterioração do sistema respiratório:

Há nas tecelagens um dispositivo técnico com o fim de transportar tubos enovelados de trama (espulas ou canilhas), dum lado a outro do tear, no sentido da largura do pano. É a lançadeira que apresenta em suas paredes um orifício e numa extremidade um conduto estreito de dois foromens. Os tecelões, de tempo em tempo, estão a introduzir o fio que se desenrola da canilha no orifício das paredes da lançadeira e em seguida no conduto, aspirando-o com a boca para fazê-lo saltar à superfície. Traz essa operação inconvenientes sérios: o operário aspira pó e sujidades pela lançadeira, podendo esta veicular germes da sífilis, tuberculose etc. porque tais aparelhos também são trabalhados por operários de outras turmas, tuberculosos, sífilíticos etc.⁵⁷

Entre águas e lixos

Além dos problemas sociais e das doenças que acometiam Sorocaba, as questões em torno da infraestrutura urbana passaram para a pauta das problemáticas vividas na cidade, sendo central o tema do abastecimento da água. Não que fosse um assunto novo para seus moradores, muito pelo contrário, dada a escassez de boas aguadas e a concorrência com os condutores em época de trânsito intenso de tropas. Além disso:

O principal rio da localidade, o Sorocaba, servia para os mais variados usos: suprimento de água para beber, lavagem de roupas, bebedouro de animais. No trecho mais próximo ao centro urbano, ao lado da ponte, era ainda usado para passagem a nado das tropas que iam para o Registro⁵⁸.

Com a finalidade de restringir a apropriação dos espaços e recursos da cidade pela população e objetivando implementar melhoramentos urbanos, no final do século XIX, o poder local apresentou diversas tentativas de regular o uso das águas do rio Sorocaba em sua parte mais central, segundo os preceitos de higiene e salubridade pública. Nesse intuito, por várias vezes demarcou pontos exclusivos para atividades como lavagem de roupas e abastecimento de água.

Essas imposições da Câmara, no sentido de regular os usos do rio, na maioria das vezes acabavam sofrendo a resistência da população, fato que provocava episódios críticos, como em 1885, “[...] quando os aguadeiros⁵⁹ se negaram a utilizar o porto

⁵⁶ Oliveira Netto apud Ribeiro, Maria A. R. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)* (São Paulo: HUCITEC, 1988), pp. 122-123.

⁵⁷ Ribeiro, Maria A. R. *Condições de trabalho... Op. Cit.*, p. 114.

⁵⁸ Baddini, Cássia M. *Sorocaba no Império... Op. Cit.*, p. 192.

⁵⁹ Como eram conhecidos os carroceiros que vendiam água potável proveniente do rio pelas ruas.

demarcado pela Câmara para encher as pipas. A municipalidade respondeu com a imposição de multas aos grevistas e a manutenção do referido porto como único local permitido para os aguadeiros⁶⁰.

A racionalização do uso dos rios era uma das preocupações da medicina urbana, surgida na França, na segunda metade do século XVIII. Foucault chamou a atenção para o fato de que esse tipo de medicina social “[...] não é verdadeiramente uma medicina dos homens, corpos e organismos, mas uma medicina das coisas: ar, água, decomposições, fermentos; uma medicina das condições de vida e do meio de existência”⁶¹.

Na tentativa de minorar o problema do abastecimento de água são inaugurados, em 1886, os primeiros chafarizes na cidade, um no Largo da Matriz e outro no Largo do Rosário e, em 1889, inaugurou-se um terceiro no Largo de Santo Antonio. No entanto, a localização dos três chafarizes no núcleo central da cidade resultou no abastecimento de apenas uma parcela da população, tendo os moradores mais distantes que continuarem a fazer uso dos aguadeiros:

Até o final do Império, mesmo após a inauguração dos chafarizes [...], ele [o rio Sorocaba] foi uma importante fonte de água potável para a cidade, apesar das críticas veiculadas na imprensa contra o seu uso indiscriminado para os mais variados misteres, em prejuízo da salubridade pública⁶².

Além da utilização do rio Sorocaba para diversas finalidades, outro problema que se apresentava era a poluição gerada pelas fábricas, como o caso do córrego do Supiriri, que também fornecia água para o abastecimento de grande parte da população. O *Almanach de Sorocaba para 1903*, ao se referir à construção da rede de água e esgoto finalizada no ano anterior, afirmava que as águas utilizadas pela fábrica Nossa Senhora da Ponte seriam captadas por um coletor que passava à margem do Supiriri, fato que deixaria novamente suas águas em condições de uso. A importância do córrego foi reforçada pelo almanaque ao mencionar que:

Este facto não pôde ser esquecido, porquanto sabemos que em tempos idos a população d’esta cidade abastecia-se também com as aguas desse manancial que perdeu as suas condições de potabilidade desde 1881, epocha em que foi construída aquella importante Fabrica.

Não teremos pois o prazer de vermos mais o Supiriry mudar o collorido de suas aguas durante o dia e nos lembraremos do que diziam os antepassados que quem bebe agua do Supiriry fica aqui⁶³.

Outra preocupação era com o saneamento das várzeas do córrego do Supiriri e do rio Sorocaba, pois o projeto de aterro de suas margens pretendia promover o

⁶⁰ Baddini, Cássia M. *Salubridade pública...* Op. Cit., pp. 22-23.

⁶¹ Foucault, Michel. *Microfísica do poder...* Op. Cit., p. 92.

⁶² Baddini, Cássia M. *Sorocaba no Império...* Op. Cit., p. 193.

⁶³ *Almanach de Sorocaba para 1903...* Op. Cit., p. 92.

dessecamento e extinção dos terrenos alagadiços, já que, segundo o almanaque, “[...] ninguém ignora que nos terrenos marginaes a elles existem elementos organicos em decomposição e que são factores do impaludismo”⁶⁴.

Na década de 1890 ocorreram algumas tentativas frustradas de instalação de uma rede de água e esgoto em Sorocaba. Com a ocorrência das epidemias de febre amarela em 1897 e em 1899-1900, apenas em 1902 as obras foram concluídas pelo governo do Estado. Mesmo assim, continuaria sendo apenas a região central da cidade atendida pelo melhoramento e de maneira bastante precária. O abastecimento de água e o acesso à rede de esgoto permaneceriam insuficientes ainda por vários anos⁶⁵.

A falta de acesso à rede de esgoto era um problema dos habitantes dos bairros afastados da área central da cidade ainda nos primeiros anos do século XX. Essa questão era vivenciada também nas moradias operárias, como relatou Jacob Penteado em suas memórias sobre a época em que viveu na vila pertencente à fábrica Santa Rosália. De acordo com sua descrição das condições de moradia na referida vila operária:

Em 1900, ano de meu nascimento, a empresa era próspera [...]. Na encosta da colina, havia várias ruelas de casas rústicas, com telhas vãs, onde, à noite, o vento executava sua lúgubre sinfonia. Nada de instalações sanitárias ou iluminação. Esta era à base de velas ou de lampiões a querosene. Água, só de poço ou do rio próximo. Os moradores, para suas necessidades, recorriam aos urinóis ou, então, iam defecar no mato que cercava as casinhas⁶⁶.

Além das moradias, as fábricas também possuíam péssimas condições sanitárias, fato que, somado as extenuantes jornadas de trabalho, contribuía ainda mais para prejudicar a saúde do operariado, como mostra a denúncia feita pelo jornal *O Operário*:

Chamamos a atenção do snr. inspector sanitario deste districto para a falta de hygiene que ha na fabrica Sta Maria, com relação a falta de exgotos.

[...] Fizeram um grande buraco, no chão, cobriram-no com uma grade e della se servem todos os empregados da fabrica, accumulando-se ali todas as matérias fecaes, que vão se decompondo, exalando um mau cheiro horrivel e que é um perigo para os que alli habitam e podemos assegurar que para toda Cidade, porque bem pode succeder que mais adiante aquillo se transforme em um poderoso foco de infecção, capaz de contaminar toda a população⁶⁷.

A precariedade do acesso à rede de água e esgoto pela população dos bairros de Sorocaba, no início do século XX, favoreceu também a disseminação de doenças causadas pela ingestão de água contaminada. Analisando-se os *Annuarios Estatísticos*

⁶⁴ *Ibid.*, 91.

⁶⁵ Carvalho, Rogério L. P. *Fisionomia da cidade... Op. Cit.*, p. 109.

⁶⁶ Penteado, Jacob apud e Bonadio, Geraldo. *Sorocaba: a cidade industrial (Espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril)* (Sorocaba: Edição do Autor, 2004), p. 222.

⁶⁷ *Com a Hygiene e O Operario*, Sorocaba, SP, janeiro 2 de 1910, p. 1.

de São Paulo para o período, chama a atenção o alto índice de óbitos causados por doenças associadas ao aparelho gastrointestinal, como a enterite, a gastroenterite e a enterocolite⁶⁸.

Outra enfermidade que se destaca pelo grande número de casos fatais é a febre tifoide, também transmitida pela ingestão de água contaminada. No final do século XIX, a doença ainda não era bem compreendida, sendo genericamente classificada como febres paulistas⁶⁹, enquanto que no início do século XX era comumente associada aos imigrantes estrangeiros e aos bairros operários onde, em sua maioria, residiam. De acordo com relatórios médicos da época, os bairros que apresentavam o maior número de casos da doença eram identificados como os que recebiam uma grande quantidade de imigrantes e, por outro lado, o número de óbitos dela decorrentes era menor em períodos de refluxo da corrente imigratória⁷⁰.

Em 1896, o intendente municipal de Sorocaba, em relatório publicado no jornal *O 15 de Novembro*, referia-se à importância da higiene para o bem-estar da população e para a saúde pública. Apesar de apontar algumas necessidades como “[...] o problema da remoção do lixo, as águas servidas, já abordada nas posturas de 1894, além do saneamento do ribeirão do Supiriri, a desinfecção das latrinas com cal virgem [...]”, a autoridade afirmava: “Sorocaba, a hygienopolis paulista, não precisa de muito para que seja garantida a conservação do estado sanitario que graças á Deus temos tido a felicidade de gosar”⁷¹.

Em um contexto em que epidemias de febre amarela assolavam o interior do Estado de São Paulo, Sorocaba, até o momento, encontrava-se livre da doença. Esse fato era atribuído à salubridade da cidade, evidenciada pela utilização do termo hygienopolis paulista, feita pelo intendente em seu relatório. Apesar disso, o título dado à cidade, na verdade, não condizia com sua situação real, principalmente no tocante à higiene pública.

Diversas reclamações por meio da imprensa, entre o final do século XIX e o início do XX, denunciavam problemas sanitários como o acúmulo de lixo, a existência de águas estagnadas, assim como a presença de animais doentes ou mortos nas ruas. De acordo com a reclamação do jornal *A Lucta*: “[...] a 8 dias tranzita diariamente um cão quase que em estado de putrefação e ainda não foi tomada providencia a este respeito, arre! Sorocaba não é sertão”⁷².

⁶⁸ Anuario Estadístico de São Paulo para 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906 e 1907.

⁶⁹ Teixeira, Luiz A. “As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes”, in *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. 1, n.º 11, 2004, pp. 41-66.

⁷⁰ Romero, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social: São Paulo, 1889-1930* (Bauru: EDUSC, 2002), pp. 68-69.

⁷¹ Carvalho, Rogério L. P. *Fisionomia da cidade... Op. Cit.*, p. 106.

⁷² *Reportagem e A Lucta*, Sorocaba, SP, outubro 8 de 1899, p. 3.

O jornal *Cruzeiro do Sul*, já em sua primeira edição, publicou na seção Noticiário um apelo à municipalidade, reivindicando uma maior preocupação com a higiene pública de Sorocaba. Focalizando um aspecto do ideal de cidade civilizada –a higiene–, defendido por grupos da elite local, o jornal praticamente inicia uma campanha em prol da modernização e higienização da cidade, caracterizada por diversos artigos e reclamações no decorrer de suas publicações:

Reclamações

Um visitante em Sorocaba estando connosco, censurou a Municipalidade em relação a limpeza publica, salientando os montões de lixo que se encontram no largo da Independência donde exhala mau cheiro, e também os pés de couve que se acham em pleno largo do Rosário. Cumpram-se as posturas municipais. É de necessidade urgente que a Camara colloque um mictorio no Largo da Matriz, afim de se acabar de vez, com o fêti [sic] que exala das paredes lateraes da igreja⁷³.

Mais uma vez reclamando sobre lixo e a decomposição de cadáveres de animais na via pública, o mesmo jornal divulgou: “Pedem-nos reclamarmos contra a grande quantidade de immundicies e animais mortos depositados perto da estrada da Agua Vermelha, em frente á chacara da Saúde, donde exala grande fedentina”⁷⁴.

Com a criação de um Serviço de Limpeza Pública em Sorocaba, no início de 1897, evidenciaram-se as permanentes pendências nesse setor. Os fatos se deram no momento em que se promovia o projeto estadual de São Paulo para legislar e impor ações de controle sanitário aos municípios, a partir da fundação de seu Serviço Sanitário Estadual, em 1892. A resistência dos municípios às intervenções sanitárias estaduais muitas vezes se baseava no intuito de beneficiar empresários locais com “[...] serviços que pudessem ser privatizados como os de varrição, recolhimento e destinação das águas e do lixo doméstico”⁷⁵.

Os debates na imprensa sorocabana sobre a criação do serviço, que seria concedido a um empresário local, colocavam, de um lado, o jornal oposicionista *A Voz do Povo*, contrário à forma como seriam realizados os trabalhos –inclusive exigindo, por meio de um abaixo-assinado e por uma representação formal dirigida à Câmara, a revogação da lei que regulamentava a limpeza pública municipal– e, do outro, o jornal situacionista *O 15 de Novembro*, favorável à empreitada. Esses embates apontam a dificuldade das questões sanitárias “[...] numa cidade que, paulatinamente, se industrializava, urbanizava e, ao mesmo tempo, identificava uma série de demandas, principalmente as correspondentes à organização e higienização desses espaços”⁷⁶.

⁷³ *Reclamações e Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, maio 12 de 1903, p. 2.

⁷⁴ *Reclamações e Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, SP, agosto 12 de 1903, p. 2.

⁷⁵ Mota, André. “Notas sobre o Sanitarismo de Sorocaba na Primeira República”, in *Caderno de História*, n.º 2, 2006, pp. 9-10.

⁷⁶ *Ibid.*

Criada a Empresa de Limpeza Pública, em moldes privados, como pretendia a Câmara, começam os trabalhos de varrição e remoção de lixo, em meados de janeiro. Entretanto, o serviço atendia apenas a região central da cidade e ainda de forma precária:

Essa tentativa de assegurar ao município o poder de controlar as ações sanitárias tinha, porém, limites visíveis. Primeiramente, o Serviço de Limpeza Pública assumiu posturas que redundaram em respostas isoladas, com um projeto de varrição e remoção do lixo, apenas, das áreas centrais da cidade. Somava-se ao fato a ausência de um sistema de esgotos, de canalização de águas e mesmo de fiscalização das casas e dos cuidados exigidos nos quintais como o uso da cal e da creolina⁷⁷.

Interessante notar que os embates entre os jornais envolvidos na questão da limpeza pública iam se tornando cada vez mais acirrados à medida que a empresa encarregada do serviço iniciava os trabalhos. A respeito do abaixo-assinado exigindo a revogação da lei sobre a limpeza pública, o jornal *O 15 de Novembro* publicou uma série de protestos por parte de pessoas que tiveram seus nomes no documento sem autorização, ou que alegaram terem sido iludidas ao fazê-lo:

Eu baixo assignado, declaro ter sido illudido em assignar um protesto que me foi apresentado pelo Sr. Augusto Sampaio contra a Empreza de Limpeza Publica, pois, este sr. Allegou que o abaixo assignado era em favor dos pobres que iam ser obrigados a pagar cinco e seis mil réis por mez; em vista do que faço este protesto por ser o contrario⁷⁸.

De acordo com o jornal, houve também aqueles que, por serem analfabetos, tiveram seus nomes colocados no abaixo-assinado, mesmo mostrando-se contrários à proposta:

Estando de passeio em casa de negocio do sr. João Eurico, ali appareceu um sr. Sampaio que apresentou um abaixo assignado dizendo ser contra a limpeza publica, e convidando-me para assignar eu lhe respondi que não o faria, não só porque não sabia escrever, como porque nada tinha que ver com a empresa de limpeza publica, pois que so tinha casa para dormir e nem cosinha tenho, visto que eu e minha mulher comemos em casa de d. Eulalia Xavier de Araujo onde somos empregados então me disse o mesmo sr. que assignasse para fazer numero porque era um bem que eu fazia aos pobres que iam pagar grandes direitos a empreza de limpeza publica. Mesmo assim respondi que não assignava e não dei autorização [...] para assignar o meu nome. Serei tudo, menos porco, por conseguinte não emprestaria meu nome para fazer opposição contra [...] a limpeza⁷⁹.

Por outro lado, o jornal *A Voz do Povo* afirmou que a maioria dos que se dirigiram à imprensa para informar que foram enganados ou que não haviam dado autorização para a colocação de seus nomes no abaixo-assinado teriam sido constrangidos a fazê-

⁷⁷ *Ibid.*

⁷⁸ *Protesto e O 15 de Novembro*, Sorocaba, SP, janeiro 21 de 1897, p. 2.

⁷⁹ *Ibid.*

lo. Como exemplo, mencionou um caso em que um analfabeto teria sofrido ameaças que o levaram a declarar por meio da imprensa que seu nome constava no abaixo-assinado sem sua autorização:

*Moyzes com sua vara tocou na pedra, e fez a nascente torrencial tomar taes proporções, que atemorizou o preto Aurelio de Camargo a desdizer-se do que tinha feito na assignatura do protesto, dizendo-lhe que o nome d'elle ia ter ás mãos do governo, depois ia ser enforcado, arrastado, esquartejado, e por fim picado para linguças, de sorte que o pretinho que ainda tem vontade de viver mais algum tempo, o que quis foi livrar-se desses assados*⁸⁰.

À medida que as discussões e acusações mútuas por parte dos jornais aumentavam, a contenda tomou uma proporção tamanha que fez com que o editor do jornal *A Voz Do Povo* fosse obrigado a se mudar de Sorocaba:

Tendo o sr. intendente municipal de Sorocaba declarado em uma reunião que a causa daquella cidade não progredir era o signatario destas linhas e o seu *pasquim* (*A Voz do Povo*), resolvi transferir a minha residência para Tatuhy.

[...] desde que a minha permanência naquella cidade se julgava um tropeço ao seu progresso e para evitar tambem que os bandidos se dessem ao trabalho de atacar novamente a minha propriedade, em cujo ataque eu havia de garantir-me por todos os meios, contando com amigos dedicados para este fim, tomei a acertada resolução de procurar outro logar onde possa ser útil e trabalhar pela Republica, sem que a minha vida e propriedade soffram perigo⁸¹.

Em relação ao ataque mencionado no texto, segundo o *Almanach de Sorocaba para 1903*, o jornal teria sido empastelado por seus inimigos políticos em 1896 e, a partir de meados de abril do ano seguinte, passou a ser publicado em Tatuí, permanecendo em atividade até 1898⁸².

Conclusão

Analisando a imprensa de Sorocaba no período, podemos perceber pelo menos duas características mais importantes: uma delas era registrar os embates políticos locais, que iam das críticas ácidas aos insultos pessoais; a outra era difundir as concepções e projetos das elites locais através de uma imprensa fiel. Nesse sentido, a higiene passou a ser uma temática recorrente nas publicações, inclusive como arma de combate entre os grupos políticos opostos. Essa ideologia da higiene propunha a administração das cidades de uma forma mais técnica e científica:

[...] como um conjunto de princípios que, estando destinados a conduzir o país ao verdadeiro, à civilização, implicam a despolitização da realidade histórica,

⁸⁰ *Ameaça e A Voz do Povo*, Sorocaba, SP, janeiro 22 de 1897, p. 2.

⁸¹ *Tatuhy e A Voz do Povo*, Sorocaba, SP, abril 8 de 1897, p. 2.

⁸² *Almanach de Sorocaba para 1903*, p. 83.

a legitimação apriorística das decisões quanto às políticas públicas a serem aplicadas no meio urbano. Esses princípios gerais se traduzem em técnicas específicas, e somente a submissão da política à técnica poderia colocar o Brasil no caminho da civilização. Em suma, tornava-se possível, imaginar que haveria uma forma científica –isto é, neutra, supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais em geral– de gestão dos problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes⁸³.

O momento em que essa ideologia passou a ser difundida pelas páginas da imprensa marcou também a época em que o jornalista emergia como figura de relevância na sociedade, inclusive, nos quadros do poder:

Em geral, foram literatos que improvisaram em profissionais da imprensa, tornando-se figuras influentes no cotidiano urbano. Paladinos da Ordem e do Progresso na República dos cidadãos convertem-se, quase sempre, em agentes a serviço de grupos, classes e, sobretudo, de partidos políticos, numa imprensa que tinha o poder de tendenciosamente selecionar políticos, fazer governos, decidir eleições⁸⁴.

Com o fim da publicação do jornal *A Voz do Povo* em Sorocaba, *O 15 de Novembro* passou a dominar a imprensa local até a fundação do *Cruzeiro do Sul*, em 1903. A partir de então, estes jornais passaram a representar, respectivamente, a situação e a dissidência política locais. Para o grupo dissidente, esse jornal se tornou o meio mais importante de divulgar suas posições políticas e contra-atacar a crítica das forças situacionistas. Os leitores podiam acompanhar acirrados debates desses grupos antagônicos através de seus respectivos órgãos de imprensa.

Portanto, o final do século XIX e início do século XX em Sorocaba caracterizaram um período de grandes transformações sociais. Fatores como o crescimento fabril e a consolidação do operariado⁸⁵, a urbanização, o crescimento populacional⁸⁶ e a racionalização do espaço urbano, além de trazerem consigo novos problemas, ainda agravaram antigas questões que haviam se estendido principalmente no decorrer de todo o século XIX, como as questões sanitárias e de saúde pública. Nesse artigo, pretendeu-se contribuir para os estudos de história local e regional, utilizando a imprensa como fonte documental a partir dos referenciais teóricos propostos pelo campo da história da medicina e da saúde pública. Buscando, dessa forma, diversificar as abordagens possíveis sobre as cidades e regiões como objeto de investigação.

⁸³ Chalhoub, Sidney. *Cidade Febril...* Op. Cit., p. 35.

⁸⁴ Martins, Ana L. e Luca, Tania R. *Imprensa e Cidade* (São Paulo: Editora UNESP, 2006), p. 40.

⁸⁵ Araújo Neto, Adalberto C. de. *Sorocaba operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba, 1897-1920* (Sorocaba, SP: Crearte), 2005.

⁸⁶ No ano de 1872 o censo demográfico apontou 13.999 habitantes. Em 1890, a população cresceu para 17.068, e em 1920, são contados 39.586 habitantes.

Fontes

Fontes primárias

Arquivos

Anuário Estatístico de São Paulo, Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1901-1907.

Codificação das Leis da Camara Municipal de Sorocaba, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, 1906.

Estatutos e Regulamento do Asylo de Mendicidade de S. Vicente de Paulo em Sorocaba, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, 1901.

Publicações periódicas

A Aurora, Sorocaba, Ano I, Fascículos 7-8, 1899-1900.

A Lucta, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, nov. 1899-mar. 1900.

A Voz do Povo, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, abr.-mai. 1897.

Almanach de Sorocaba para 1903, Ed. fac-similar, Taquarituba, SP, 2007.

Almanach de Sorocaba para 1904, Ed. fac-similar, Taquarituba, SP, 2007.

Almanach illustrado de Sorocaba para 1914: Repositório historico, literario e recreativo, com ilustrações, organizado por Bráulio Werneck. Ed. –fac-similar– Taquarituba, SP: Juracy Tenor, 2006.

Cruzeiro do Sul, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, 1903-1904, 1916, out. 1918-jan. 1919, 1938, 1964.

Diário de Sorocaba, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, 1886, 1889-1892.

Fontes, Gentil. “Do movimento como preceito hygienico, na tuberculose pulmonar de fôrma torpida”, in *Revista ABC... Revista mensal de sciencia, arte, literatura e humorismo*, Sorocaba, n.º 2, 1914, sem páginas.

Lopes, Armando. “Estroina”, in *Revista ABC... Revista mensal de sciencia, arte, literatura e humorismo*, Sorocaba, n.º 2, 1914, sem páginas.

O 15 de Novembro, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, 1897-1903.

O Operario, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, 1909-1910.

Republica, Gabinete de Leitura Sorocabano, Sorocaba, SP, jan.-fev. 1900

Fontes Secundárias

Livros

Araújo Neto, Adalberto C. de. *Sorocaba operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba, 1897-1920*. Sorocaba, SP: Create, 2005.

Baddini, Cássia M. *Sorocaba no Império: comércio de animais e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2002.

Bertolli Filho, Claudio. *História Social da Tuberculose e do Tuberculoso: 1900-1950*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

Bertolli Filho, Claudio. *A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Bonadio, Geraldo. *Sorocaba: a cidade industrial (Espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril)*. Sorocaba: Edição do Autor, 2004.

Chalhoub, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Follis, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

Iyda, Massako. *Cem Anos de Saúde Pública: a cidadania negada*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

Marcílio, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

Martins, Ana L. e Luca, Tania R. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

Merhy, Emerson. *O capitalismo e a saúde pública: a emergência das práticas sanitárias no Estado de São Paulo*. Campinas: Papirus, 1985.

Monteiro, Yara N. e Carneiro, Maria L. T. (orgs.). *As doenças e os medos sociais*. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2013.

Mota, André. *Tropeços da Medicina Bandeirante: medicina paulista entre 1892-1920*. São Paulo: Edusp, 2005.

Nascimento, Dilene R. *As Pestes do Século XX: Tuberculose e Aids no Brasil-Uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Naxara, Márcia R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

Ribeiro, Maria A. R. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

Ribeiro, Maria A. R. *História sem fim... Inventário da saúde pública, São Paulo-1880-1930*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

Romero, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social: São Paulo, 1889-1930*. Bauru: EDUSC, 2002.

Capítulos de livros

Ferreira, Antonio C. e Luca, Tania Regina de. “Medicina e Práticas Médicas em São Paulo: uma introdução”, in Mota, André e Marinho, Maria G. S. M. (orgs.), *Práticas Médicas e de Saúde nos Municípios Paulistas: a história e suas interfaces*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CDG Casa de Soluções e Editora, 2011.

Luca, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”, in Pinsky, Carla Bassanezi (org.), *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

Mota, André e Baddini, Cássia M. “Dilemas Revelados e Mito Desfeito: Sorocaba e a epidemia de febre amarela na República Velha”, in Mota, André e Marinho, Maria G. S. M. C. (orgs.), *Práticas Médicas e de Saúde nos Municípios Paulistas: a história e suas interfaces*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CDG Casa de Soluções e Editora, 2011.

Mott, Maria L., et al. “Assistência à saúde, filantropia e gênero: as sociedades civis na cidade de São Paulo (1839-1929)”, in Mott, Maria L. e Sanglard, Gisele (orgs.), *História da saúde em São Paulo: instituições e patrimônio histórico e arquitetônico (1808-1958)*. Barueri, SP: Minha Editora, 2011.

Artigos

Baddini, Cássia M. “Salubridade pública e poder local: Sorocaba no século XIX”, in *Caderno de História*, n.º 2, 2006.

Carvalho, Rogério L. P. de. “Aspectos da Modernidade em Sorocaba: experiências urbanas e representações 1890-1914”, in *Revista de História*, vol. II, n.º 61, 2004.

Cruz, Heloísa de F. e Peixoto, Maria do R. da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”, in *Projeto História*, São Paulo, 2007.

Mota, André. “Notas sobre o Sanitarismo de Sorocaba na Primeira República”, in *Caderno de História*, n.º 2, 2006.

Teixeira, Luiz A. “As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes”, in *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. I, n.º 11, 2004.

Dissertações e Teses

Bertucci, Liane M. *Impressões sobre a saúde: a questão da saúde na imprensa operária, São Paulo-1891/1925*, (Dissertação mestrado), Universidade de Campinas, 1992.

Carvalho, Rogério L. P. *Fisionomia da cidade: Sorocaba—cotidiano e desenvolvimento urbano— 1890-1943*, (Tese doutorado), Universidade de São Paulo, 2008.

Dall’Ava, João P. *Sorocaba entre epidemias: a experiência de Álvaro Soares na febre amarela e na gripe espanhola (1897-1918)*, (Dissertação mestrado), Universidade de São Paulo, 2015.

Pinto Jr, Arnaldo. *A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba, 1903-1914*, (Dissertação mestrado), Universidade de Campinas, 2003.

Telarolli Jr, Rodolpho. *Poder e Saúde: A República, a Febre Amarela e a Formação dos Serviços Sanitários no Estado de São Paulo*, (Tese doutorado), Universidade de Campinas, 1993.